

**A VOZ DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA IMPRESSA
NAS PÁGINAS DO JORNAL “O BONDE” (1945-1963)**

The agronomy students' voice printed in the pages of the periodical “O Bonde” (1945-1963)

Denilson Santos de Azevedo*
Regilane Gava Lovato**
Gilzânea Zanetti***

RESUMO

O artigo analisa a visão de mundo dos estudantes de agronomia apresentada nas páginas do jornal “O Bonde” (1945–1963). Publicado em sua maior parte durante a vigência da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (1949-1969), esse semanário teve 238 edições que, circularam no período de interregno democrático no Brasil, após o fim da ditadura getulista do “Estado Novo” (1937-1945) até o final de 1963, numa conjuntura social, política, econômica e cultural, imediatamente anterior ao golpe militar de 1964. A investigação objetivou estabelecer a história serial, as predominâncias e as recorrências temáticas deste jornal, analisando as matérias que apresentam fatos relacionados ao cotidiano dos estudantes e suas representações sobre as questões sociais e educacionais de âmbito local, regional e nacional, com o intuito de identificar as mudanças e permanências no teor destas discussões.

Palavras-Chave: História da Educação Impresso. Representações Discentes. Cultura Escolar.

ABSTRACT

The article analyzes the agronomy students' vision of the world presented in the pages of the periodical “O Bonde” (1945-1963). Published, mostly, during the existence of the Universidade Rural do Estado de Minas Gerais [*Agricultural State University of Minas Gerais*] (1949-1969), this weekly had 238 editions that had circulated in the democratic interregno period in Brazil, after the end of Getúlio Vargas' “New State” (1937-1945) dictatorship, until the end of 1963; in a social, politics, economic and cultural conjuncture, immediately previous to the 1964 military coup. The inquiry objectified to establish serial history, the predominance and the thematic recurrences of this periodical, analyzing the matters which present facts related to students' quotidian and its representations on social matters and local, regional and national scope educational, intending to identify the changes and permanence in the content of these discussions.

Keywords: Education History. Printed. Students Representations. Scholar Culture.

* Universidade Federal de Viçosa. Contatos: dazevedo@ufv.br

** Universidade Federal de Viçosa. Contatos: regigava@yahoo.com.br

*** Universidade Federal de Viçosa. Contatos: gilzanea@yahoo.com.br

O artigo trata de um estudo sobre a visão de mundo dos estudantes de agronomia, impressa nas páginas do jornal “O Bonde”, semanário estudantil orientado e dirigido pelos alunos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) do Estado de Minas Gerais, instituição que funcionou entre 1926 e 1949 e deu origem à atual Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Publicado, em sua maior parte, durante a vigência da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), denominação dada à UFV, entre 1949 e 1969, esse semanário teve 238 edições que, coincidentemente, circularam no período de interregno democrático no Brasil, uma vez que o primeiro número foi lançado logo após o fim da ditadura getulista do “Estado Novo” (1937-1945), isto é, em setembro de 1945, enquanto o último número foi editado em novembro de 1963, numa conjuntura social, política, econômica e cultural, imediatamente anterior ao golpe militar de 1964.

A análise sobre o conteúdo das matérias publicadas nas páginas do jornal “O Bonde”, visa a auxiliar a busca de dados acerca da história da educação, numa instituição de ensino superior de destaque no país, podendo “contribuir para a superação das limitações com que lidamos no Brasil, no tocante ao acesso e à conservação de fontes” (CATANI E SOUSA, 1999, p. 9).

A investigação dos 205 números localizados, e que corresponde a mais de 85% dos exemplares que circularam ao longo da existência do impresso, permitiu estabelecer a história serial e identificar as predominâncias e as recorrências temáticas do semanário. Possibilitou também analisar reportagens que apresentavam fatos relacionados ao cotidiano dos estudantes e suas representações sobre as questões sociais e educacionais de âmbito local, regional e nacional, o que contribuiu para conhecer as mudanças e permanências no teor destas discussões, ao longo da existência do periódico.

A origem e aspectos relevantes da história de “O Bonde”

O jornal *O Bonde* constituiu-se, a princípio, numa publicação semanal de caráter informativo, cultural, humorístico e crítico dos estudantes da ESAV e despertou grande interesse e receptividade junto ao seu público alvo que, nos finais de semana, passou a dispor de algo mais para ler e se distrair.

A denominação do semanário provavelmente foi em homenagem a uma das atividades mais caras dos estudantes, que se auto-intitulavam “bondeiros”, por apreciarem fazer um “bonde”, ou melhor, “serem amantes de uma boa e prolongada palestra” (RANGEL, 1939). Em contato com alguns graduados pela ESAV, em 1945, durante os festejos de 60 anos da turma, promovidos pela Associação de Ex-Alunos da UFV (AEA), em dezembro de 2005, fomos informados que o nome “O Bonde” teria surgido de uma situação vivenciada pelos estudantes, do internato, que durante a noite se reuniam na escadaria do edifício para conversar, o que incomodava outros colegas que queriam dormir ou estudar. Esses estudantes incomodados iam até a janela e gritavam aos que estavam conversando: “Olha o bonde” na intenção de fazê-los parar de conversar.

Para que o jornal pudesse circular nas dependências da Escola foi encaminhado, antes da publicação do primeiro número, um pedido de permissão à Congregação da

ESAV. “A autorização para a circulação foi concedida, porém com uma única restrição, que o jornal não abordasse política partidária” (O BONDE, n. 1, 1945, p.1). Apesar desta restrição, a diretoria do jornal pensava que a palavra ‘política’ não deveria ser generalizada, como era do gosto de muitos, pois os problemas da pátria deveriam e mereciam ser discutidos.

Segundo o editorial do primeiro número, publicado em 01 de setembro de 1945, diversos motivos levaram os alunos a criar o impresso. Inicialmente, o jornal seria uma tribuna livre, em que eles pudessem expor sua opinião sobre assuntos de cunho técnico, político, literário ou artístico, além do registro dos acontecimentos cotidianos.

Em se tratando de um semanário estudantil, “O Bonde”, se caracterizou também pela sua verve humorística, com o intuito de divertir, descontraír os discentes nos seus momentos de lazer, amenizando os esforços realizados, de segunda a sábado, numa instituição de ensino de horário integral. A maioria dos estudantes redatores assinava os artigos com pseudônimos ou tratava a si e aos colegas nos escritos por apelidos.

O registro legal do jornal no “Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca” parece ter dado maior autonomia editorial e responsabilidade civil aos seus redatores, conforme pode ser atestado numa parte do artigo escrito pelo estudante E. L. Hartung, na edição de número 73, publicada em 12 de agosto de 1948:

O Bonde será, agora, um jornal adulto. Sim, senhores, já poderá dizer o que quiser sem se incomodar com as censuras. É claro que esta condição implicará um comportamento mais ponderado de parte dos colaboradores, mas, não há dúvida que assim mesmo será mais cômodo, escrever, com maior liberdade, o que pensamos. Quando, ao Sr. Diretor, comunicamos nosso desejo de tornar o nosso órgão registrado, fez-nos ver que iríamos, então, enfrentar as conseqüências da lei da imprensa. Acontece, porém, que já naquela ocasião, havíamos decorado os parágrafos mais importantes da referida lei, portanto, arriscaremos arcar com as conseqüências, muito embora nossa atitude, em nos separando da Escola, nunca, teve, por um momento si quer, a impulsióná-lo, o desejo de atacarmos nossa Instituição de ensino, seus professores, seus programas, etc... Não, não foi nossa intenção. Continuaremos a ser um jornal humorístico por excelência, mas não descuidaremos da crítica que, para ser publicada deverá obedecer aos seguintes itens: 1º) ser verdadeira e construtiva; 2º) não ser cretina; 3º) não ser capciosa. Cremos que assim agindo, estaremos de pleno acordo com as mais sadias normas da boa imprensa.

Se o registro em cartório trouxe maior autonomia e liberdade de expressão aos estudantes redatores em relação à Instituição, também trouxe como conseqüência a transferência da sede do jornal da Escola para a cidade de Viçosa, como fica evidenciado no artigo “Carta aberta ao Sr. Diretor da ESAV”, publicado nessa mesma edição de número 73:

Eu sou um jornalzinho de estudantes. Pequeno, pobre, talvez insignificante na sua maneira de pensar. Mas, tenho uma convicção de liberdade tão profunda, que prefiro sacrificar a minha existência a viver de boca arrolhada, como pretendeu o senhor. Resido agora na cidade. Fui obrigado a mudar-me, ou melhor, despejaram-me. Este é o primeiro número de minha nova

existência. (...) Hoje eu moro na cidade. Constrangido, deslocado, mas de cabeça erguida. Todas as vezes que as condições financeiras permitirem eu deixarei as oficinas e farei um passeio à ESAV. E direi a todos tudo o que sentir, doo a quem doer. Minha voz será fraca, talvez um sussurro apenas, mas será cada vez mais sincera. O senhor tentou amordaçar-me devido à minha crítica; taxou-me irresponsável. Hoje estou de volta, chamando sua atenção para as coisas da nossa escola. Nem lbe guardo nenhum rancor e compreendo a sua atitude. E para terminar quero dizer-lhe baixinho, o lema que me guiará de agora em diante: “A Razão acabará por ter Razão”.

Inicialmente, o custeio do jornal contava apenas com os recursos provenientes das assinaturas dos estudantes e, depois, eventualmente, em casos excepcionais, com o apoio da reitoria da UREMG, conforme fica evidenciado no editorial intitulado “Uma explicação”, publicado no número 138, de 27 de março de 1954, em que a direção do jornal se incumbiu de esclarecer os motivos da majoração no preço das assinaturas, diante da reclamação de muitos assinantes:

Realmente “O Bonde” está caro. Mas somos um jornal pobre. O ano passado, se ele saiu tão poucas vezes, foi por falta de dinheiro. As nossas assinaturas são feitas no princípio do ano, sendo quase todas anuais. E nós só poderemos sair todo ano graças a estas assinaturas. Não vendemos números avulsos e nem tão pouco temos propaganda que nos dê dinheiro. Não temos verba de espécie alguma, exceto uma ajuda da que às vezes nos é fornecida pelo Magnífico Reitor da Universidade, em casos de extrema necessidade. Nós temos um compromisso para com o assinante e a este compromisso não podemos faltar, sob pretexto algum.

O baixo número de assinantes foi um dos principais responsáveis pela irregularidade na publicação do semanário, como se constata na leitura de alguns exemplares em que a diretoria do jornal protestava contra o comportamento daqueles indivíduos que liam o periódico do colega, não arcando com uma assinatura, o que dificultava a sobrevivência do jornal. O artigo “Aos piruadores que não assinam”, publicado pela diretoria na edição número 35, de outubro de 1946, é um exemplo da conclamação feita aos estudantes não assinantes do jornal:

Por mais absurdo que pareça, há entre nós colegas e amigos, vivendo a mesma vida que vivemos, passando pelas mesmas coisas que passamos e que infelizmente não se propuseram a assinar “O Bonde”. Onde andarás a compreensão desta gente? (...) Sabemos que vocês lêem “O Bonde” mesmo sem assinatura. É claro, o colega de apartamento é assinante. Ora, amigos, (refiro-me aos não assinantes) vocês também fazem parte da nossa coletividade e uma espécie de obrigação moral os lança a acompanhar os nossos passos, quando estes têm por objetivos o melhoramento de nossas condições.

Com relação ao número de páginas, a publicação variou entre quatro e seis, por edição. A exceção foi a de número 61, publicada em 20 de março de 1948, que foi impressa com oito páginas. “Este número de O Bonde, é o ‘Super-Gilda’ que deixou de sair na época devida por motivos superiores. Desta maneira, os leitores poderão encontrar

muitos artigos que embora perdessem um pouco o cunho da atualidade, não foi possível evitá-lo da publicação desde aquela época.”

Quanto à periodicidade, verifica-se que nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro, o semanário não circulava na Instituição, em função do período de provas finais ou de férias estudantis.

Em 1945, ano de sua criação, foram publicados treze números, entre os meses de setembro e novembro o que demonstra que o jornal foi editado semanalmente. A partir de 1946, a periodicidade semanal do jornal não conseguiu ser mantida, sendo esta irregularidade de publicação uma característica marcante em todos os anos subseqüentes, provavelmente em virtude de problemas financeiros e da escassez de artigos, fazendo com que o tempo entre uma publicação e outra, fosse de pelo menos nove dias, em alguns anos, chegando a ficar até mesmo um ano e nove meses sem ser editado.

Esse longo período de inatividade de publicação pôde ser constatado entre a edição do número 232, de 09 de dezembro de 1960 e a do número 233, de 06 de setembro de 1962. Esta última edição foi produzida exclusivamente para comemorar os dezessete anos de existência do jornal, e trouxe um editorial intitulado “Nascimento, vida, assassinato e ressurreição de O Bonde – 17 anos”, que apontava o motivo pelo qual o jornal não fora publicado durante esses quase dois anos:

Aqui está O Bonde, com seus 17 anos de luta e com suas 17 primaveras de glórias. Completamente ressuscitado.

Filho de Augusto Athayde e da Senhora ESA – que ainda não era da UREMG – nasceu a 1º de setembro de 1945. Marcado pela solidez intransigível de sua linha de conduta e de suas reais finalidades, registrou em suas páginas um pouco da gloriosa vida de sua mãe e os pensamentos sucessivos de seus padrastos.

A 09/12/1960 saiu o número em que seria, fatalmente, assassinado. Os autores da chacina, embora neguem de pés juntos, foram os Doutores: Geraldo Oscar Domingues Machado (ex-Reitor da UREMG) e Jorge Raimundo Vieira (ex-Chefe do Serviço de Extensão).

Mas a verdade é patente: assassinar um jornal é duas vezes funesto.

Por capricho do destino, os autores exoneraram-se de nossa Universidade. Preferimos crer que o motivo tenha sido o arrependimento de terem cometido um crime bárbaro: o assassinio cruel de um jornal de boa tradição convém salientar que mal a ninguém fazia. Impossível assassiná-lo outra vez. Agora já é imortal.

Após essa edição especial, publicada em setembro de 1962, o jornal ainda teve cinco números publicados em 1963, sendo que o último circulou em novembro de 1963. Além das dificuldades financeiras e institucionais, da escassez de matérias para publicação, outro fato deve ter contribuído decisivamente para a extinção do jornal: a conjuntura política atravessada pelo país no primeiro semestre de 1964, com a deposição do presidente João Goulart, a tomada de poder político, pela tecnocracia civil e militar, por meio do golpe militar e a conseqüente inflexão do processo de democratização que vinha sendo gestado durante a chamada república populista (1945-1964).

Assim, o breve relato sobre alguns aspectos da história serial do jornal demonstra

o caráter irregular de sua publicação, visto que apenas em 1945, o jornal fez jus ao nome de semanário. Feita essa ressalva, vale relatar alguns dados sobre as predominâncias temáticas dessa publicação, ao longo dos seus dezoito anos de existência.

Predominâncias temáticas do Jornal

Pode-se afirmar que a picardia perpassa várias seções permanentes do jornal, com a finalidade de entreter o leitor/estudante, como a “Venenos” que apresentava os “quadros mais curiosos da vida esaviana - que nem sempre estavam ao alcance da vista ou do ouvido de todos -, fazendo críticas, contando piadas e os ‘foras’, de particular fertilidade em alguns colegas” (O BONDE, n. 1, 1945, p. 2). Essas críticas, piadas e ‘foras’ se faziam em relação às atitudes, aos comportamentos dos estudantes no cotidiano da instituição, nas festas, eventos, excursões, etc.

O primeiro número traz uma explicação aos estudantes sobre essa coluna, que foi criada

exclusivamente para envenenar. Todas as piadas, todos os fatos, enfim, todos os ‘foras’ dados por um colega nosso, seja ele da turma que for, será devidamente anotado e transcrito nessa coluna, levando sempre um cunho de humorismo, sem ter absolutamente o intuito de causar um estado de ânimos alterados entre este ou aquele colega. Contamos, portanto, com a boa vontade de todos, e pedimos desculpas por alguma brincadeira que seja um pouco forte. Enfim, tudo não passa de venenos.

Um exemplo de troça estudantil pode ser identificado na seção “Venenos”, publicada na edição número 8 do jornal, de 21 de outubro de 1945, com o título “Apareceu mais um galã na Escola” e noticiava que:

O Pica-Fumo [apelido dado aos estudantes de agronomia], na sua excursão a Juiz de Fora, descobriu que além dos conhecidos Tirones Powers, que são: Caminito, Taxinha, Matraca, Pé de Cana e Bicalhãozinho, o Ruão conquistou umas três ou quatro meninas, e das mais bonitas. Os próprios colegas de excursão não acharam nenhum defeito nas referidas meninas. Nós, todavia, cujo papel é exclusivamente atrapalhar a vida dos outros perguntamos, sem querer colocar malícia nenhuma: vocês repararam se as referidas meninas não eram cegas?!

Por se tratar de um jornal estudantil, trazia também permanentemente em suas páginas uma seção de esportes, que gozava de grande prestígio junto ao corpo discente. Ela trazia notícias das datas, locais e resultados dos jogos de futebol, vôlei, basquete, atletismo, sinuca e xadrez, nos quais os estudantes participavam e buscavam fazer sempre o melhor, trazendo resultados positivos à ESAV. Ainda faziam críticas às atuações dos jogadores, com intuito de procurar corrigir seus erros, conforme justifica o redator Ari Eims: “Quando se critica procura-se construir, isto é, procura-se corrigir, procura-se melhorar o rendimento ou a capacidade do indivíduo. Esta é a verdadeira finalidade da crítica” (O BONDE, n. 1, 1945, p.4). Mas assim como criticavam, também elogiavam os que mereciam reconhecimento.

Já a seção “Sociais” apresentava, em todas as edições do semanário, poemas e matérias que informavam sobre as festividades no estabelecimento e na cidade, os falecimentos de pessoas próximas ou conhecidas, as viagens realizadas pelos estudantes ou professores, as visitas à Escola de pessoas consideradas importantes, enfim, de acontecimentos que deviam ser divulgados ou socializados à comunidade estudantil.

Como exemplo dessa coluna, pode-se citar o artigo “Noite Social”, publicado na primeira edição do jornal, no dia 01 de setembro de 1945, que noticiou a visita de alguns estudantes à residência de um docente por ocasião do primeiro aniversário de seu filho, para conhecer sua família e integrar-se num ambiente que não era muito comum, sobretudo ao aluno “forasteiro”, e que aponta para uma relação professor-aluno fora do espaço da sala de aula, isto é, para uma relação mais doméstica e social.

Outra matéria dessa coluna também demonstra esse ambiente de socialização, em que discentes e docentes comemoraram a criação da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais UREMG, como se observa na edição de número 78, publicada no dia 20 de novembro de 1948:

Aguardado com grande ansiedade finalmente, a 13 de novembro de 1948 foi assinado o decreto que cria a UREMG, com sede nesta progressiva comarca. Professores e alunos, unidos, pela amizade que lhes é característica, organizaram um dia cheio de festividades, que teve seu brilhantismo ligeiramente ofuscado pelo mau tempo.

É plausível supor que essas três seções mencionadas acima foram permanentes nesse jornal, pois foram encontradas nas 205 edições pesquisadas. As demais seções do semanário tiveram periodicidade e títulos variados, não obstante apresentarem aspectos e temas relevantes para a apreensão de uma visão de mundo significativa dos estudantes da ESAV. Daí destacarmos algumas seções irregulares, em termos de periodicidade de publicação que, no entanto, possibilitam detectar as representações sociais dos estudantes.

Dentre outras, ganha importância a seção “Crônicas”, que foi editada nos dois primeiros anos de circulação do jornal e as colunas “Fatos e Boatos”, “Sociedade Amigo da Onça”, “Qual a garota de seus sonhos”, “Garoto Viçoso” e Internacional.

A seção “Crônicas” tratava de diversos assuntos relacionados com a cultura escolar do estabelecimento e as impressões dos estudantes sobre seu cotidiano e os conhecimentos adquiridos. Também são encontradas matérias com orientações para os calouros ou relatos de despedida dos formandos ou de acontecimentos relacionados com a Instituição, o país e o mundo, sempre analisados sob a visão de mundo dos autores e numa perspectiva crítica, sobretudo no que dizia respeito ao regime de funcionamento da ESAV/UREMG e aos problemas sociais, educacionais, agrícolas, dentre outros.

A seção “Fatos e Boatos” caracterizava-se por notas breves, geralmente apresentando uma situação paradoxal, como se verifica na edição número 7, de 14 de outubro de 1945, onde os autores com o pseudônimo de Óleo e Olaria anunciavam “que o aluno assiste a uma aula de estatística é fato, mas que ele sai da aula entendendo alguma coisa é boato”, o que demonstra o tipo jocoso das notícias publicadas.

A coluna “Sociedade Amigo da Onça” relatava as “entregações” e implicâncias dos estudantes, como a citada na edição número 2, de 08 de setembro de 1945, em que é dado um “Aviso aos professores: alunos que gostam de dormir em aula – Libêncio, Dalmo, Titico, Lavinias, Peroba e Acyr”.

Já a intitulada “Qual a garota de seus sonhos?”, resultava de uma entrevista feita com um discente, na qual ele descrevia como seria a garota dos seus sonhos, que, necessariamente, ganhava contornos a partir das características físicas de outros colegas da Instituição. Como exemplo pode-se citar o perfil de garota descrita por “Tenebroso” a partir da entrevista realizada por “Sururu” e publicada na edição número 15, de 23 de março de 1946:

Puxando um dos seus perfumados ‘Vandick’, o Sururu deu mostra de seu cavalheirismo não me oferecendo. Acabando de dar uma longa pitada, e, fitando-me com seus olhos esverdeados e buliçosos iniciou: - Você sabe, é uma pergunta um pouquinho embaraçosa, mas vou lhe responder o que penso acerca de minha futura mulher. Primeiro não tolero louras, prefiro as morenas, não as queimadas de sol, mas sim aquelas que já nasceram com a pele bronzeada. O formato de sua cabeça igual à do Quarentão, seus cabelos encaracolados como os do Sacarina, olhos castanhos como os do Peroba, nariz do Pepito, os lábios como os do Taxinha, a boca deve ser bem grande, lembrando a do Bacana, o busto igualzinho ao do Nemésio, a cintura do Rolo, as ancas iguais as do Boi, pernas só como as do Tuim. Bem, já lhe dei mais ou menos um retrato exterior da esposa que eu vivo sonhando, e agora vou lhe dar o seu interior. Quero que tenha a calma do Galocha, a doçura do Cláudi, a voz do Rebelo, o andar do Gazzinelli que goste de crianças como seu Chico, seja fã do futebol como o Babalú, trabalhe como a Cavalaria e finalmente goste também de comer galinhas como eu gosto.

Uma outra coluna que seguia essa linha “espiritiosa” era a “Garoto Viçoso”, só que descrevia o perfil físico e comportamental do estudante esaviano, como demonstra a matéria escrita por E. Rado, publicada na edição número 11, do dia 10 de novembro de 1945:

Hoje trataremos de um lindo colega do segundo ano superior. Talvez venha à sua cabeça uma pergunta assim: quem será o felizardo? Não responderemos diretamente. Mas, ele com o seu “corpinho de espanbola” é o tal que, quando pelas ruas passa, bonecas viçosenses saem às janelas, em penca para... Não sei, parecem querer apedrejá-lo. E ele continua firme, ora dirigindo galanteio às pequenas, ora quebrando o pescoço na tentativa de um ‘flirt’. Vai sempre ao cinema e vive em finas rodas sociais da cidade. (...). Querido por todos, ele é o orgulho de seus colegas de turma. Este jornal teria o seu nome, caso não fosse tão cortante... Não tem namorada e ignora a causa. É possível que esteja fazendo a escolha e pior é que notamos as suas tendências para a escuridão. Que diabo, teria ele convívio com o seu Raimundo? Mora em São Paulo, não é brasileiro nato, usa óculos e se chama Enzo.

Ainda identifica-se a existência, ao longo de três anos, de uma coluna intitulada “Internacional” que tratava de assuntos que estavam ocorrendo no mundo naquele

momento, como o processo de reconstrução empreendido pelos países que foram palco de batalha na 2ª guerra mundial, como esse apresentado na primeira edição do jornal, em 1º de setembro de 1945:

Terminada a guerra que avassalou o mundo durante cinco anos, os povos têm procurado reconstruir suas Pátrias o mais breve possível e sobre as bases mais democráticas e populares. Vimos a Inglaterra libertar-se do conservadorismo e os trabalhistas encarregados da sua reconstrução; vimos a Polónia entregar a um governo popular; a Hungria sair da dominação da camarilha nazista e ser entregue a seu povo; a Itália de tão tristes acontecimentos na guerra, saber vingar-se de Mussolini e se democratizar rapidamente. A França, a grande França dos 'maquis', sair mais bela e mais pura da tortura fascista. Acabou a guerra! A paz democrática caiu sobre o mundo. Que ela perdure por muito tempo. Perdure para sempre, eternamente.

Comentários como esse e análises sobre alguns aspectos da conjuntura nacional ou internacional serão recorrências temáticas veiculadas nas páginas do jornal, ao longo da sua existência, através de artigos que não estavam enquadrados em uma coluna específica. No que se refere à conjuntura nacional, vale relatar o artigo escrito por Marcos intitulado “E o Brasil marcha...”, publicado na edição número 86 de 15 de outubro de 1949, no qual analisa a política governamental, os políticos e as prioridades orçamentárias e as conseqüências da falta de investimento social em educação naquela época que, sob alguns aspectos, ainda mantém uma atualidade incômoda:

(...) diríamos melhor: e o Brasil se arrasta, pois o que é, senão um arrastar lento, o que se observa na vida nacional, nos dias atuais? Enquanto que nações que sofreram diretamente os danos da guerra já começaram a ter suas atividades normalizadas, em nosso país tem-se a impressão de que tal não se dará, ainda, por muito tempo. Quais seriam as causas disso? Acharmos que o principal problema reside na má orientação de nossa política interna. Os homens públicos não pensam a não ser em si, esquecendo-se de que o povo os elevou aos cargos que ocupam para que façam algo pela Pátria. (...) É constrangedor o nível de educação da maioria de nossa população. Temos, ainda mais de 60% de analfabetos e necessitamos de 40.000 escolas, pelo menos. (...) O ensino, também, infelizmente decaiu bastante nestes últimos anos. Com sua decadência veio irremediavelmente, a queda do caráter e é mesmo alarmante a pouca moral dos jovens e adultos de hoje, agravada ainda pelos fatores psíquicos de um após guerra.

Os estudantes e suas auto - representações

Para os objetivos desse artigo, também é relevante destacar algumas situações do cotidiano dos estudantes, retratadas em diversas edições do jornal. Das ocorrências mais significativas, vale discorrer a respeito das suas auto - representações, ainda num ambiente escolar majoritariamente masculino e após o início do funcionamento de um curso exclusivamente feminino na UREMG, que se deu com a criação da Escola de Ciências Domésticas, a partir de 1954.

Nesse sentido, ao longo dos primeiros nove anos de circulação do jornal percebe-

se que todas as seções de “Venenos” traziam as mais inusitadas gozações entre os jovens rapazes da Escola. Entretanto, após a criação do Curso de Ciências Domésticas, que passa a atender um público quase exclusivamente feminino, observa-se que grande parte dos “venenos” passou a ser “destilado” nas novas estudantes, batizadas pelos “pica-fumo” e “pica-pau” (estudantes da Escola de Ciências Florestais) de “pica-couve”, que eram vistas por eles como incapazes de assimilar os conteúdos das disciplinas.

Alguns escárnios exemplificam o preconceito que os rapazes tinham em relação à capacidade intelectual das estudantes das Ciências Domésticas: “quando numa das aulas de Economia o professor pediu um exemplo de lepidóptera, aquela economicazinha super hodierna naturalmente estava ‘voando’ ao responder: - *elefante, professor*” (O BONDE, n.140, 1954, p.3).

Diretamente da nossa agente secreta junto à Economia Doméstica, recebemos o seguinte ‘fora’: estava o novo professor de Química explicando a técnica de serviços em laboratório, e ao lembrar que não se devia trabalhar com anéis, pulseiras e outras bugigangas, próximo a ácidos fortes, foi imediatamente aparteado por uma das alunas, - mas o senhor acredita nessas superstições, professor? (idem, ibidem).

Desse modo, verifica-se que a presença das moças, ao invés de alegrar a vida dos rapazes, que viviam reclamando da ausência de moças na Escola, parecia causar certo incômodo, uma vez que, para a maioria dos estudantes, a mulher deveria limitar-se aos afazeres domésticos, não necessitando, portanto, buscar conhecimentos na Escola. Sendo assim, a “pica-couve” deveria apenas se dedicar à prática do dia-a-dia no lar.

Entretanto essa concepção em relação às mulheres que ingressaram na Escola de Ciências Domésticas, se contrapõe ao tratamento dispensado às estudantes de Agronomia que começaram a ingressar na ESAV a partir de 1946, como demonstra o artigo denominado “Nossas Atitudes”, publicado na edição número 22, de 18 de maio desse ano, ao assinalar que “atualmente temos entre nós uma meiga irmãzinha, a qual sem medir sacrifícios, quer viver e compartilhar em tudo conosco.”

No entanto, embora os “pica fumo” fossem os principais sátiros do preconceito de gênero no dia-a-dia da Instituição, eram vítimas de um outro tipo de preconceito, relacionado ao tipo e local de formação acadêmica e profissional, quando participavam dos encontros e congressos estudantis, dirigidos predominantemente por discentes de cursos de maior “status” social. Isto fica demonstrado em algumas matérias do jornal, como o artigo “Os estudantes da ESAV e o Movimento Universitário” escrito por A. A. Athayde, na edição número 9, de setembro de 1945, sobre os conclaves estudantis:

(...) em geral os estudantes das Escolas de Agricultura tem pouca voz nesses conclaves, e são os estudantes de Direito, Filosofia e Medicina, enfim das capitais que dirigem os Conselhos. E mais, que o assunto do qual mais cuida não são os problemas dos estudantes, mas de ‘política’. (...) O que sempre há, são grupos representando partidos políticos, correntes isoladas, cujos caudilhos mais ou menos esclarecidos procuram saltar para as direções das UUEE ou da UNE. É o assédio aos representantes dos Diretórios Acadêmicos para votar em fulano ou beltrano. São os conluíus, os

cambalachos, reuniões às escondidas, as paixões que entram em jogo, os interesses pessoais ou de grupelhos. E é devido a tais acontecimentos que grande parte dos estudantes, mormente os do interior, tem manifestado seu desinteresse pelo movimento universitário. É o caso dos esavianos, que não perdem seu tempo em avenidas nem estão acostumados com a mentira, o cambalacho descarado e o monopólio do voto. Essas entidades estudantis não têm sido, em suma, a expressão da vontade da massa dos estudantes brasileiros.

A “pouca voz” dos agrônomos nessas assembléias e a rejeição destes ao tratamento político dado aos problemas estudantis, encaminhados pelos discentes do meio urbano assinalam o desencanto dos “rurais” em relação à sua participação mais efetiva nesses conclaves. Além disso, esse tipo de paixão, representado pela política partidária, sempre fora um assunto proibido de ser discutido nas dependências da Instituição, conforme preconizado pelo chamado “espírito esaviano”¹, cultivado desde os primórdios da ESAV.

Os agrônomos e suas representações do cotidiano escolar

No que diz respeito ao cotidiano dos estudantes da Escola, percebe-se que os assuntos mais abordados no jornal estavam relacionados à comida servida no refeitório, à convivência no regime de internato, a relação professor-aluno, a didática dos educadores e o sistema de avaliação adotado pela ESAV/UREMG. Vale ressaltar que a maioria dos artigos escritos pelos estudantes era de crítica, daí o emprego de pseudônimos, para não serem identificados e, portanto, não sofrerem nenhum tipo de sanção ou retaliação por parte da Instituição ou dos sujeitos criticados.

Com base nos artigos lidos observa-se que muitos estudantes que freqüentavam o refeitório da Escola, clamavam por um melhor preparo e distribuição da comida servida, já que a mesma tinha, segundo eles, condições suficientes para oferecer uma alimentação de boa qualidade, como é explicitado no artigo “Nosso refeitório” escrito por Sawa, na edição número 77, de novembro de 1948, na qual aponta que:

(...) o refeitório conta com ótimo material alimentício. Abatem-se três bois por semana na ESAV. O Departamento de Horticultura possui verduras de ótima qualidade que seriam fornecidas com abundância e presteza, se assim fossem solicitadas. O feijão, o arroz e demais alimentos que a

¹ Até hoje o “espírito esaviano” é apregoado como uma maneira de se valorizar o trabalho, a dedicação quase sacerdotal do indivíduo ao progresso, ao engrandecimento da Instituição. Em depoimento gravado em 1990, o ex-aluno (1936-1940) e ex-prof. Otto Andersen, que lecionou na ESAV-UREMG-UFV, de 1946 até 1990, lembra que esse lema “vem desde o início, fazendo com que, qualquer novato, ao chegar aqui, pudesse absorver e desenvolver o ‘espírito esaviano’ de modo a se ter uma união boa que produzisse grandes resultados. Realmente, desde os operários, todos eles eram incutidos com o espírito esaviano a cooperar, porque a casa é nossa, e quanto mais engrandecer a casa, mais vantagem será para nós próprios. Vinculados à ESAV, nós estávamos realmente, nos fortalecendo para ter maior sucesso no futuro. O espírito mantém alto o entusiasmo por tudo que se diz a respeito da instituição, inclusive elevando o grau de motivação para as atividades e cria, incontestavelmente, um espírito de alta produtividade.

Na determinação de criar tradição, é importante que se esteja pronto para defender e promover à velha Escola, evitando certas críticas destrutivas ou maldosas. Deve-se apelar para que o engrandecimento seja cada vez maior e assim se possa realçar, cada vez mais o valor dessa grande realização que é a Universidade. Desde a década de 30, quem aqui esteve para lecionar, em breve aderiu ao espírito de trabalho com entusiasmo, convicto de que estava aprimorando cada vez mais, para cada vez melhor confirmar os seus desígnios.”

Escola adquire são de boa classificação. O que falta é unicamente boa vontade. O que pedimos com insistência é o cuidado na confecção dos diversos pratos e o escrúpulo em servi-los.

Não obstante essas críticas, os estudantes não poderiam de forma alguma deixar que as mesmas chegassem ao ambiente externo da Escola, a fim de evitar que a ESAV fosse mal vista por pessoas que não pertenciam à Instituição. Era exigido respeito e compromisso com o “espírito esaviano”, que deveria contar com a cooperação de todos os elementos formadores da estrutura universitária. “E a primeira tarefa a realizar consiste em ‘fechar’ todas as veredas que conduzem as pessoas e os grupos aqui existentes à ‘planos diferentes, a pontos de vista antagônicos’ enfim, a qualquer forma de ‘segregação’ que possa enfraquecer o todo ou dividir a unidade”, conforme explicitava no artigo “Espírito Universitário”, o professor Edgard de Vasconcelos, na edição número 206, de 18 de junho de 1959.

Vale ressaltar que além das reivindicações pela melhoria no preparo dos alimentos servidos no refeitório, observa-se que muitos estudantes questionavam também o mau comportamento de alguns colegas ao sentarem-se à mesa da refeição, como se percebe implicitamente no artigo “Calma pessoal”, assinado por Micrótoimo e publicado na edição número 107, de 10 de novembro de 1951:

(...) Os modos de se apresentarem alguns dos rapazes, nossos colegas, no Refeitório é absolutamente detestável, para quem vive numa Escola como esta, recebendo os últimos preparativos para vida. Não seria acreditável que a esses, fosse necessário um retoque na sua maneira de agir quando se assentam às refeições, onde quer que sejam elas servidas. (...) Uma das condições necessárias à boa digestão ou boa refeição é justamente a paz de espírito, a calma e a tranqüilidade, que deve haver em quem, após 5 horas de aulas, se assenta à mesa para se alimentar, seja qual for o prato servido.

O artigo ressalta que, para se ter uma boa refeição, não basta apenas uma comida de boa qualidade, mas também um ambiente propício, em que as pessoas tenham paz de espírito e principalmente tranqüilidade e respeito à mesa, considerada pelas “famílias cristãs, o local de oração para agradecer o pão de cada dia”.

Outras críticas detectadas nas páginas de “O Bonde”, estão relacionadas ao comportamento de alguns estudantes no internato, que incomodavam os demais nas horas de descanso, como as citadas no artigo escrito por Dilso Rufino da Silva “Aos perturbadores da tranqüilidade alheia”, na edição 207, de 04 de julho de 1959, que assinalam as “ocorrências perturbadoras do sossego dos vizinhos.”

São elas: propensão do diletantismo musical com instrumentos de alto porte sonoro com impertinente assiduidade, predileção por música fina, em grossos acordes, nas velhas horas noturnas. Enfim um sem número de outros incômodos de que devem abstrair o caso fortuito ou uma eventualidade. (...) Se os incômodos perturbarem com frequência o sossego, deve o vizinho importunado, tentar, também, com educação e cortesia, conseguir do vizinho barulhento, pacificamente, o termo aos destemperos. Se não o conseguir, deve então recorrer aos meios judiciais competentes, que os há, por certos e

diversos. Em tudo, porém, deve-se ter presente que é preferível ter amigos a inimigos que possivelmente, hão de viver próximos de nós durante boa parte de nossa vida.

Ainda sobre essa relação de conflitos existentes entre os estudantes no convívio do internato, destaca-se um outro artigo denominado “Pigmeus com fumaças de gigantes”, publicado na edição número 215, de 13 de abril de 1960, que tece críticas às atitudes infantis de alguns estudantes e suas bravatas no alojamento masculino, além de apontar a ausência de autoridade por parte da Instituição no alojamento masculino:

A falta de civilidade crescente e já com traços de selvageria, vem esterilizando a boa ordem de nosso internato. Ninguém respeita ninguém, tumultua-se tudo e anarquiza-se a paz. Nossas escadas transformam-se em palanques, para receber os protagonistas alambicados, donos da noite, que ali vão jorrar, num vomitório frenético, todo o texto tonto de seu figurino calibrina. Enfim, as coisas estão assim; ninguém toma providências, pois a ordem do dia é anarquizar. Por uma questão de simpatia, podemos mesmo dizer, que os momentos de libações, são justificáveis. Portanto, que bebam até um quinto, mas que façam suas palbaçadas em um picadeiro próprio. Não basta envergar uma blusinha da agronomia e pedalar garbosamente pela [avenida] PH Rolfs, com volúpia de rei se a cabeça encontra-se despida dos princípios mais mezinhos de educação. Mas, para ser esaviano moderno, é preciso soltar bombas, proferir impropérios, ou na forma mais hodierna, penetrar armado de réguas e cacetes no domicílio albeio, só temos que cumprimentá-los. Continuemos assim, dando lições de infantilidades. É, só não ficarmos pasmados e revoltados, quando nossas reivindicações caírem por terra, nossos pedidos indeferidos, pois, a esta altura dos acontecimentos, não estamos em condições de pedir, muito menos de exigir. Coloquemos a boca na mamadeira da insatisfação, pois, infelizmente temos deixado transparecer que somos visceralmente minúsculos pigmeus com fumaças tênues e tóxicas de gigantes.

Outro tema bastante recorrente refere-se à insatisfação dos alunos frente ao ensino ministrado pela ESAV, sobretudo no que diz respeito à didática dos professores, que em muitas situações não propiciava ao aluno aprender o conteúdo abordado nas disciplinas. Baseado nesta questão, um estudante escreveu o artigo “Agronomia e Sonhos”, na edição número 207, de 04 de julho de 1959, em que no final, indagava ao Diretor da Escola de Agricultura se “não seria possível trazer aqui um pedagogo, para um curso intensivo de didática?”

Nesse sentido, os docentes eram fontes de inspiração dos estudantes redatores da publicação, como foi o caso do artigo “Sabugo”, escrito provavelmente por um aluno, identificado apenas como K, na edição número 65, de abril de 1948, que descreve alguns perfis de professores que ministravam aulas na ESAV:

Em primeira escala, realçam aqueles que sabem empolgar os estudantes. Somos levados, ou talvez, hipnotizados pela ênfase do mestre de tal modo, que chegamos a ponto de esquecer de olhar o relógio, ou de bocejar. A estes professores, nossos parabéns, porque sabem levar-nos à meta, com simpatia e bom humor. Do professor antípoda, só há uma coisa a dizer: tudo que ele faz ou ensina, encontra em nosso cérebro e gestos, uma reação. Às vezes é um catedrático novo,

inexperiente na profissão, mas que deseja impor-se energeticamente, sem usar um pouco de psicologia, de outra, é um professor que não tem interesse em lecionar, de modo que, até para ele, a aula torna-se infernal. Outro tipo é o papagaio: fala, fala, fala, e os alunos, de desespero, põem algodão nos ouvidos. Triste, porém, é o tipo ‘catoniano’: fala voz imponente, pausa... fala, pausa..., e durante um desses intervalos de vários segundos, entregamo-nos a Morfeu perdendo, geralmente, uma aula interessante, mas pavorosa. E há o grau intercalado que também é composto de bons mestres, ou então de professores que sabem atrair as simpatias de seus alunos, mas os dois dons não se encontram. Estas aulas tornam-se insípidas, não por culpa dos mestres, alunos, ou horário, mas sim por uma circunstância imparcial, diversa para cada professor e para cada aluno.

Um outro tema recorrente, relaciona-se ao sistema de avaliação vigente na Instituição, constituído de provas teóricas, práticas e sabatinas que, na maioria das vezes, eram vistas pelos alunos como um “fantasma inquieto e implacável que amedronta a existência calma e pacífica do esaviano”, conforme apresentado no artigo escrito por Ene Araújo intitulado “O fantasma da nota”, que foi publicado na edição número 188 do jornal, do dia 21 de agosto de 1957.

Analisando os artigos que tratam do regime de provas e exames, pode-se verificar que a nota é identificada por uma boa parcela dos estudantes como algo desagradável e, por vezes, constrangedor, principalmente para aqueles que encontravam dificuldades em alcançar a média para ser aprovado. Quando se fala em avaliação, logo se percebe no escrito um sentido de tensão, inconformismo e nervosismo, que muitas vezes interfere no desempenho do estudante durante os exames.

Pode-se afirmar, que este sentimento permanece presente na jornada escolar e acadêmica de muitos estudantes até os dias de hoje, em diversas instituições de ensino. A polêmica que a avaliação acarreta ao medir os conhecimentos aprendidos, a crítica aos tipos de avaliação vigentes na Instituição e os critérios adotados pelos docentes nas avaliações teóricas e práticas, podem ser detectados no artigo “Sabugo”, publicado em abril de 1948, na edição número 68.

Quando se fala em nota de prova, somos julgados pela nossa capacidade de escrever e decorar os itens dados pelos professores, ou encontrados nos livros. A questão “prática” perde sua finalidade, porque, geralmente, também deve ser respondida em itens. A prova, porém, não deixa de ser necessária na medida de aptidão do estudante. A sabatina, então, é um exame ideal. Curto, muito prático obriga-nos estar com a matéria, relativamente, em dia. A confusão encontra-se na prática. É neste ponto que o sistema de alguns professores é extremamente ilógico, absurdo. Como é possível calcular a prática do aluno, tomando-se a questão “prática” da prova e da sabatina, acrescentar 180 e dividir o resultado por quatro? Porque não acrescenta, ao invés de 180, 150, 170, ou 200? O resultado será sempre o mesmo, uma nota imerecida pelo estudante. Admirável é o sistema de nota prática usado por muitos professores: nota equivalente ao trabalho campestre do aluno. Assim, os grandes decoradores que geralmente “sugam” nas aulas práticas, vêem-se forçados a trabalhar e os que têm dificuldade nos estudos teóricos têm a oportunidade de mostrar ao professor que, na vida prática, não serão um fracasso. É para estes estudantes trabalhadores que os mestres

deveriam dirigir mais atenção. Esta Escola tem fama de ser muito prática, mas desse modo os alunos não tem interesse algum em fazer proveito dessas aulas.

Das críticas feitas pelo estudante ao sistema de avaliação vigente na Instituição, um ponto questionado pelo autor do artigo, está relacionado à diferença de peso atribuída aos exames escritos e práticos e orais, na qual o primeiro tipo de avaliação tinha um peso muito mais elevado para a definição da nota final do estudante.

O que também chama a atenção é o aparente desleixo, por parte de alguns docentes, das atividades e avaliações práticas, uma vez que o valor do saber prático em agricultura era uma das principais finalidades do Estabelecimento, constituindo-se em objeto de atenção permanente dos fundadores e de sucessivas direções da ESAV, que a tornaram uma Escola de referência pela ênfase dada à articulação entre ciência e prática, entre o saber e o fazer.

A permanência desse sistema de avaliação e, por conseguinte, da metodologia de ensino e de exames adotados pelos professores da Instituição, encontra-se registrada no artigo “O fantasma da nota” já mencionado, que tece críticas sobre a ineficácia das notas para medir o conhecimento apreendido pelo estudante:

A nota não representa o que o aluno sabe, as laudas corretas perdem o valor qualitativo. Paga-se o aluno pelo o que ele não sabe, premia-se em função do erro ou da omissão.(...) A nota não revela somente a capacidade de apreensão do aluno, mas, a capacidade pedagógica do professor. É uma arma segura, nas mãos daquele que a impunha no sentido de estimular, de ensinar justiça e ponderação, esclarecer o que é importante e secundário na matéria. Quando mal usada é verdugo, é impostura. Provoca o famoso pingue-pongue entre professor e aluno.(...) A nota aplicada assim é um antolho que se nos coloca. Não se tem visão da matéria, procura se guardar o máximo possível de nomes e definições para diminuir a probabilidade de ser reprovado. Não há interesse em se aprender porque não sabe como e quando se vai aplicar a matéria aprendida. Não é um aprendizado, é uma luta entre professor e aluno. Muitas notas más mostram má orientação do professor. Perguntaram: o nível podre de notas em certas matérias é função do sadismo ou da modéstia do professor? A nota é ilógica porque dá prazer ver o aluno estrebuchar em bitolas, segunda épocas, dependências e bombas ou porque o professor é tão modesto que não quer mostrar a todos que é justo e cónscio de suas responsabilidades de mestre? As notas não são más por nenhuma destas razões. O sadismo é uma doença mental, um sádico não deverá ser professor. A modéstia não é cabível num espírito que sabe, e sabe que sabe.

Assim, verifica-se nos artigos citados sobre avaliação, que a mesma para o aluno está bastante associada à obtenção da nota voltada para a promoção no ensino. O professor ao aplicar uma prova ou sabatina, utiliza o critério da nota para verificar o que o estudante não entendeu ou não assimilou no conteúdo. Dessa forma, o estudante, na maioria das vezes, estuda ou decora um determinado conteúdo, apenas porque tem que fazer uma avaliação e responder corretamente às questões formuladas, para que não corra o risco de perder o semestre letivo, o que implica afirmar que ele não estuda para aprender e sim para cumprir a uma exigência do sistema de ensino.

O questionamento a respeito da forma de medição do aprendizado do aluno adotada pelo professor e da eficácia desse procedimento para aferir o conhecimento apreendido pelos discentes, registrada nas páginas do jornal *O Bonde*, são discussões que permanecem candentes nas relações entre os estudantes e destes com os docentes, constituindo-se num fato marcante e significativo da cultura escolar.

Vale destacar que as reclamações, em relação às aulas e avaliações, feitas pelos alunos são pertinentes. Contudo, é importante observar que os educandos também reconhecem que deveriam se dedicar mais aos estudos, como fica explicitado no artigo “*Querer e Poder Querer*” escrito por Duhí Ratto e publicado na edição número 225, de 12 de setembro de 1960.

Queremos aulas melhor dadas! - Queremos avaliação das provas baseadas no conhecimento que o aluno adquire da matéria, e não firmada em tópicos omissos, muitas vezes não essenciais, mas de preferência do professor. (...) Tantas coisas queremos! Quantas coisas acertadas pleiteamos! E surge aquela pergunta crucial: 'Temos autoridade moral para reivindicar isso tudo?' E a resposta sincera, baseada nas ações e reações do nosso grupo não pode deixar de dizer 'NÃO'. Como maior elasticidade do regime de faltas, se nem sabemos de que modo empregar o tempo das aulas a que deixamos de assistir? Como podemos querer aulas melhores se não nos dispomos a estudar mais? Se não nos preocupamos com a formação do homem integral aqui na universidade? Se boicotamos qualquer iniciativa que vise união e hipotecamos apoio às que somente segregam? Se pleiteamos nível de aulas mais alto e continuamos a estudar somente pelos famigerados caderninhos? Se queremos que o agrônomo tenha melhor conceito na sociedade e nem procuramos elevar nosso baixo nível de cultura geral, relegando a enésimo plano o estudo do idioma nosso, de línguas estrangeiras, de noções básicas de Filosofia, de conceitos de Artes, Humanidades, História, etc.? Se procuramos resolver problemas de grupo visando uma solução pessoal? Isso é querer coisas sem fazer por merecê-las. É exigir perfeição do próximo e continuar na mediocridade alarmante dos aparvalhados. É constituirmo-nos em centro fixo em torno do qual queremos que mude e evolua toda uma estrutura de fato. Devemos ser sinceros conosco mesmos; devemos ter, ao menos, a autenticidade de reconhecer que nem só os outros andam errados, mas que anda muita mazela, solução acomodaticia e falsa à solta em nosso meio. E a solução? É cessar de pleitear melhorias? É o conformismo confortável da própria mesa de estudos? Não é hora de fugir à luta nem de descrever da vitória. A frouxidão não terá nunca a ousadia de mascarar-se em virtude. Simplesmente devemos iniciar uma renovação a partir de nós mesmos, da nossa comunidade universitária, da nossa claudicante estrutura estudantil. E se tivermos a lucidez suficiente para iniciar a renovação, poderemos, com maior denodo e cabeça erguida, exigir a tomada de consciência e o cumprimento daquilo que vimos de longa data pleiteando.

A descrição desses artigos demonstra os questionamentos existentes no discurso dos estudantes, em relação às aulas, aos exames, aos docentes e à sua própria atuação enquanto sujeito envolvido em todo esse processo educativo, polêmicas estas que permanecem presentes, em maior ou menor grau, em quase todas as instituições de ensino, uma vez que envolve muita emoção, sensatez, dentre outros sentimentos e pensamentos diversos.

Considerações Finais

O estudo das representações estudantis impressas nas páginas do jornal “O Bonde”, constituiu-se num importante dispositivo para dar visibilidade às vozes dos estudantes, particularmente aos graduandos do curso de Agronomia, fato nem sempre comum, devido à escassez de registros e relatos escritos legados por estes, quando de sua passagem pelos diferentes estabelecimentos de ensino.

A ênfase dada sobre alguns temas do cotidiano coletivo indica as formas de convívio e as problemáticas que mais afetavam os estudantes, como os conflitos de relacionamento, suas diferenças de comportamentos e hábitos, sua visão de mundo sobre a realidade próxima e distante, a hierarquia institucional e as práticas pedagógicas adotadas na Instituição e utilizadas pelos docentes, que também eram alvo de estereótipos, foram os principais objetos de representação social, por parte dos agrônomos da ESAV/ UREMG, por meio das páginas desse semanário, que foi publicado entre 1945 e 1963.

A realização desse estudo, também permitiu inferir, que o teor de muitas matérias veiculadas por esse semanário, em sua essência, são objeto de indagação e questionamento de muitos estudantes e encontram-se presentes no cotidiano da maioria das instituições de ensino formal. No entanto, como estas reflexões quase sempre são manifestadas oralmente e não registradas por escrito, as mesmas não ganham visibilidade, permanecendo na sombra, o que não aconteceu na UREMG, em virtude da publicação desse jornal estudantil.

Referências

AZEVEDO, D. S. de. *Melhoramento do homem, do animal e da semente: o projeto político pedagógico da ESAV (1920-1948) - organização e funcionamento*. São Paulo, USP, 2005. 222 f. Tese de Doutorado.

CATANI, D. B. e BASTOS, M. H. C. *A Educação em Revista – a imprensa periódica e a história da educação*. SP, Escrituras Ed., 1997.

RANGEL, N. de M. et alii. *O Livro da ESAV – Formandos de 1939*. Viçosa, MG, s/d.

Recebido em fevereiro de 2008

Aprovado em abril de 2008